

Boiro

Começara a ser assim conhecido porque ele mesmo inventara esta palavra. Ocorrera-lhe um dia, meditando sobre as “façanhas” sexuais de tantos portugueses que conheceu, que um belo nome que deveriam ter seria “Boiros”. Quando jovem, viajara pela Europa quase toda, primeiro à boleia, depois com o “Inter-Rail”, uma “oferta aos jovens”, não se esquecia a CP de o escrever, embora tal passe fosse pago. Os fulanos que encontrava Europa fora, todos, todos menos ele (que raio de sina), tinham dormido com umas 40 suecas, fora as outras que tinham encontrado pelo caminho, para lá e na volta para cá, outras tantas, de nacionalidades diversas. Com os bolsos vazios, o estômago a rugir, trocos para fumar uns cigarros e comer uns hambúrgueres, como teria aquela gente “engatado” tantas dinamarquesas ou francesas em discotecas? Devia ser dele, pensou. Mas depois também pensou na Runa Ekelin, uma sueca que parecia lançadora de pesos olímpica, ela tinha uma amiga, com elas e o Chico fora a casa da Runa em Ardalavegen, pronuncia-se “ordalavegen”. E depois? Depois nada! Era apenas curiosidade! Andaram com elas e uns amigos por Estocolmo, conheceram um pub famoso, “Engelen”, em Gamla Stan, onde tocavam os “Police”. Falou de política, conheceu um sueco que vigiava os submarinos soviéticos que vinham de Murmansk. Entendeu também coisas evidentes, daquelas coisas que os bons professores ensinam. As suecas não iam para a cama com qualquer um; ele não era particularmente atraente e elas não tinham propriamente “falta de homem”. O chamado “macho latino” é um mito imbecil, as mulheres não querem machos, querem homens, querem os que querem, e não são mulas, para quererem “machos”. Por isso ocorreu-lhe o nome “Boiro”. Achou que boa parte dos portugueses (ele incluído) eram uma curiosa mistura (como as mulas), talvez estéreis, mistura de “boi” com “toiro”. Dizem-se “toiros”, mas são mais “bois” que garanhões. Claro que isso só se pode dizer aos amigos, porque os “Boiros” esclarecidos aceitam que o são, mas os outros esmurram quem lho disser, sublimando no murro a energia sexual que reprimem. É como a Literatura! Como fonte de expressão tornada obrigatória pela necessidade de aumentar as rotações dos neurónios, até Gigahertz, é um desafio tremendo, muito mais difícil do que se pode pensar. Tal como a vida: para alguns a Literatura “acontece”. Mas a Literatura não é a vida, é uma conversa sobre a vida, ou até sobre “vidas irreais”, o que mostra as limitações desse género musical. Quando ouvimos a voz de alguém, quanto cantamos, quando amamos, quando falamos em público para 3 ou 1500 pessoas, quando vemos o Canal do Panamá de um lado ao outro, sentimos que a “vida” é muito mais que a Literatura. É como quando nadamos meia dúzia de piscinas. Ao entrar, a menina da recepção olhou desconfiada as minhas trombas no cartão, confirmou se tinha as cotas em dia. Chegou o “Sr. Dr.” Perguntou-lhe como estava. “As dores continuam”... “e durante a

menstruação também?”, continuou o homem, procurando levar a conversa para temas íntimos. A menina entregou-lhe a toalha. À saída, no balneário masculino, o homem e uma filha, criança, teria uns 8 anos. Não se conseguia mudar. O homem, disse-se médico (já o entendera) e perguntou-lhe: “é pudico?”. “Não me costumo despir diante de crianças.” “É pudico?”, insistiu o médico. “Chame-lhe antes “maneira de ser”, se quiser.” O Dr. foi embora, aos rancos, com a filha criança. É por estas que acho que somos um povo de “Boiros”. Assino “Boiro” muitas vezes, tenho amigos a quem chamo “Boiro” e sei que nunca se ofenderão; depois há os “Boierrorrosos”, que nem sabem quanto o são.

Carlos Mota